

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE JUNHO DE 1901

N.º 58



S. A. o Príncipe Real, D. Luiz Filippe  
DUQUE DE BRAGANÇA

# Exposição de Bellas-Artes

A impressão que trouxe das minhas visitas à Exposição é que a técnica tem progredido extraordinariamente entre nós, mas que vão desaparecendo os temperamentos originários, e não vão abrir, como uma clareira, um caminho novo e illuminado por onde sigam, cheios d'audacia, os novos de talento.

Os mestres reproduzem os seus quadros, com a factura mais segura, a mão mais firme, affeita ao trabalho; os novos seguem como que servilmente os antigos, sem procurarem inventar, crear novos ideaes, são não mais poderosos, mais claros que os d'ontem, pelo menos outros.

Faltaram a esta exposição Columbano e Teixeira Lopes, as mais puras glorias artisticas, os mais individuos, aquellos cujas obras fazem pensar e sentir. Carlos Reis só expõe um pequeno retrato de creança, que não posso louvar, pelas suas durezas; a côr é boa, mas o desenho é duro.

Afora a representação d'estes tres artistas, cuja falta é sensível, a media é talvez superior à do anno passado, mercê, um pouco, das telas d'alguns pintores novos, que mostram as suas primicias promettedoras, sendo algumas já realisações quasi perfectas, como os quadros de composição de Ayres de Gouveia, um quadro de Adriano de Sousa Lopes, um retrato de Constantino Sobral Fernandes.

As horas da exposição cabem, sem duvida, a Malhóia, que se apresenta galhardamente.

Um dos seus melhores quadros é o retrato da sr.<sup>a</sup> Condessa de Mossamedes, d'uma factura larga e solida, d'um magnifico desenho e côr sobria (n.<sup>o</sup> 80).

Salgado tambem tem um magnifico retrato do coronel A. A., energico no desenho e na pintura e um estudo para o retrato de El-Rei, bella mancha, com o defeito da cabeça ser muito pequena, mas é movimentado o fundo de tropas e ao longe o rio e os outeiros da outra banda.

Prosigamos, porém, por salas. Na primeira sala de pintura a óleo ha, a notar, além dos quadros de Malhóia e Salgado, de que falo, dois grandes retratos de senhora, ainda de Malhóia (n.<sup>os</sup> 78 e 79) e um pequeno retrato vigoroso (81).

Ayres de Gouveia tem, nesta sala, um dos melhores retratos da exposição, (n.<sup>o</sup> 48): o retrato de m.<sup>me</sup> M. F. A., pequeno medalhão, fresco, sobrio, feito largamente; de Sobral Fernandes o do sr. Caggiani, admiravel estudo de cabeça e mão; de Ramalho um retrato de Ferreira da Silva, bem pintado e bem desenhado, mas com imperfeições, e um encantador retrato de creança; em paisagem e composição é ainda Malhóia o triumphador, pelos dois lindos quadros que expõe, cheios de sol, d'uma tonalidade quente, como não estamos habituados a ver, paisagens que sentimos portuquezas, luminosas, de ceus nítidos e arvores vigorosas: *Cebolas* (75) e *Estudo* (77). As figuras são sadias, são verdadeiras camponezas, trigueiras e fortes. Ha, talvez, no *Estudo* um excesso de branco, as roupas a secar.

Ha ainda um delicioso quadro de Malhóia, *Uma desgraça* (n.<sup>o</sup> 76), pittoresco, mas a expressão das figuras não é justa. *Babicha-á-bicha* (n.<sup>o</sup> 13) da sr.<sup>a</sup> D. Zoé Wauthélet, é um quadro simples, ensolado, em que, numa paisagem doce, com atmosfera e perspectiva, segue, em bicha um colorido bando de creanças; a *Primavera* do sr. Galhardo (n.<sup>o</sup> 43) é uma paisagem tranquilla e poetica, mas a tonalidade luminosa do céu é diferente da das arvores; o sr. Christino da Silva tem alguns quadros de paisagens brasileiras, sendo a melhor o n.<sup>o</sup> 25; do sr. Condeixa ha a notar *Paisagem de Palaiseau*, em que, sob um sol convalescente, se estende uma paisagem pacifica; composições, poucas, e de notavel apenas o quadro do sr. Sobral Fernandes, *A peste expulsa os castelhanos do cerco de Lisboa*, em que um anjo plana numa admiravel e nobre attitude sobre o exercito castelhanao, que parece estar parado. Muita gente, no longuico ainda ha lanças a apontar, mas ninguem se move, parecendo que os castelhanos não estão muito resolvidos a obedecer ao anjo. Do sr. Ayres de Gouveia ha ainda uma cabeça de santo magnifica de expressão e de factura; do sr. Sobral Fernandes: *O amigo das creanças*.

Na sala immediata, em retratos nada de notavel; a considerar, o retrato do sr. Trigo, de Rebelo Junior. Ha um bello quadro de composição (71) do sr. Adriano de Sousa Lopes, *Engano d'alma ledo e ceo*; uma paisagem cuidada, luminosa, dois amorosos; falam em

baixo, numa depressão, tres mulheres, que já foram amantes, entristecem ou desesperam-se. Ha bellas qualidades de paisagista neste pintor que começa. Algumas acadêmicas são bem tratadas, mas o estudo de figuras, numa côr suave, não vale o da paisagem. E', porém, um quadro que honra, e, como estreia, é admiravel; outros quadros são dignos de vêr-se: o *Eterno escravo!* de Freire (n.<sup>o</sup> 39) estudo do nu, alguns estudos de bruma da sr.<sup>a</sup> viscondessa de Sistelto, uma *Onda*, da sr.<sup>a</sup> D. Fanny Muuro, um retrato de creança (n.<sup>o</sup> 137) de Sobral Fernandes. Vaz continua a cultivar as marinhas bonitas, muito lavadas, dominguezas; bem pintadas, com manchas de luz, mas eternamente as mesmas, sem uma impressão de mar, apenas uma impressão de limpeza. *Uma aldeia de Vilago*, d'este ancor, (n.<sup>o</sup> 143) é um quadrinho claro e agradável.

Na sala, à direita, numa parede, quasi até ao tecto, as obras offercidas a S. Magestade a Rainha para que o producto da venda reverta a favor da Assistencia Nacional dos Tuberculosos. A notar: uma cabeça de velha, de Columbano, vigorosa e solida, em tintas quentes, pequena obra prima, em que sobre a certeza do desenho ha a sobriedade e a elegancia da côr; uma pequena paisagem de Carlos dos Reis, lomi-



Lenço gothico

(D. Maria Augusto Bordinho Pinheiro)

nosa e suave, com a mancha d'um grupo; factura larga; a *Picota*, de Malhóia, poetico trecho de paisagem, com uma esbelta camponeza; o claustro da sé de Lisboa, de Fernandes; um quadro de Jorge Colaço, *Contraste*, cheio d'humor; na mesma sala duas magnificas composições de Ayres de Gouveia: *O Christo morto* (n.<sup>o</sup> 49) e *A Palavra do mestre* (n.<sup>o</sup> 52), quadros d'assumptos religiosos. Sobre o cadaver de Christo duas figuras femininas illuminadas, debruçam-se, chorosas. E no escuro um grupo. A carnagem das figuras é magnifica, o desenho é solido, quasi sempre, o grupo de mãos está bem tratado e sobretudo ha admiraveis effeitos a claro-escuro. E' um bello quadro, e, como composição, não vejo melhor. *A palavra do mestre* accusa as mesmas qualidades e a mesma felicidade nos effeitos de claro-escuro. O retrato do sr. Bispo de Bethsaida (n.<sup>o</sup> 51) é mau, quer como desenho de figura, desproporcionada, quer como coloração do rosto; o vestuario é bem tratado.

Ainda ha uma outra sala, em que figuram os pastellistas, aquarellistas, architectos, etc.

Entre os aquarellistas cabe o primeiro logar a Ramalho, assim como entre os desenhadores. A sua agurella *O actor Ferreira da Silva no cardeal D. Henrique* (n.<sup>o</sup> 48) é magnifica como impressão e como factura, larga, vigorosa, fresca, tem espontaneidade. *Os moínhos do penedo* de Roque Gameiro tem uma larga perspectiva e um certo encanto. Ainda, a citar, o *Caes das columnas* (n.<sup>o</sup> 210) de Moraes.

Pasteis: *Antes da caçada*, de El-Rei, revela as poderosas facultades do sr. D. Carlos; a factura larga, a luz intensa, o vigor com que ataca os assumptos, a sua amorosa comprehensão da nossa paisagem fazem de S. Magestade o nosso primeiro paisagista e o mais nacional; a cabeça de Christo, de Ayres de Gouveia e o seu retrato de creança, tão fresco; um magnifico estudo de Francisco Teixeira, linda cabeça de mulher, extranha no louro pallido do cabelo, na toilette verde; sentese vontade de produzir novo; uma cabeça de mulher energicamente tratada (n.<sup>o</sup> 57) da sr.<sup>a</sup> D. Emilia dos Santos Braga, um retrato de Mattoso da Fonseca.

Em caricatura, alguns quadros de Colaço, um quadro a citar: *Comsumatum est*, que lembra, pela intenção, Forain; dois *portraits charge* de Ressano, vigorosos, revelando um temperamento de caricaturista e uma maneira pessoal, embora não seja nulla a influencia de Léandre; duas manchas delicadas e curiosas de Francisco Teixeira.

Em architectura nada de notavel a não ser os projectos de construção de Raul Lino, que tem vistas novas, procura e alcança tipos de casas, inspirando-se quasi sempre na arte nacional e realisando conjuntos bellos e decorações artisticas.

A escultura está disseminada por diversas salas; um novo, Costa Motta Junior, sobresae, destaca-se com os retratos dos sr.<sup>es</sup> Guedes Teixeira, Costa Carneiro e Antonio do Couto. A sr.<sup>a</sup> duquesa de Palmella tem um gracioso busto em bronze, de delicado acabamento; o sr. Costa Motta um delicioso busto de creança em marmore, delicado e bem executado.

Falta ainda falar da arte applicada, e pouco teremos que dizer. A execução é quasi sempre boa, mas os objectos expostos raras vezes re-





Os moinhos do penedo  
(Aquarela de Alfredo Roque Gameiro)



Chegada da feira  
(Quadro a óleo de Manuel Henrique Pinto)



Um nomada  
(Quadro a óleo de Jorge Colajoy)



A reza  
(Quadro a óleo de David de Mello)



... enraço d'alma leda e cezo  
(Quadro a óleo de Adriano Lopes de Sousa)



Retrato de minha filha Leonor  
(José de Almeida e Silva)



O actor Ferreira da Silva (no Paulano)  
(Aquarela de Antonio Ramalho)



A peste expulsa os Castelhanos do Cerco de Lisboa (1385)  
(Quadro a óleo de Constantino Ayrão Sobral Fernandes)



Uma desgraça  
(Quadro a óleo de José Malhoa)



Cas das Columnas  
(Alfredo Jannato Moraes)



Retrato de Miss Marden  
(Alfredo Gusões)



velam originalidade. Alguns expositores chamam *arte nova* a algumas produções que por vezes não chegam a ser arte. Citemos, entretanto, como mobília elegante e de facto moderna, influenciada pela arte inglesa, uma secretária e duas cadeiras; as medalhas de Ventura da Camara são d'um desenho elegante e execução delicada.

A sr.<sup>a</sup> D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro continua a fazer arte nacional e bella nas suas rendas verdadeiramente portuguezas, delicadas e nobres. Fez uma tentativa muito *réussie* de rendas em oiro. M.<sup>me</sup> Coruche expõe um retrador de pintura em louças, delicada e fina, predominantemente motivos Luiz XV.

Leitão & Irmão, os conhecidos ourives, entre trabalhadas jarras de prata expõem umas esplendidas applicações de filigrana d'ouro sobre crystal.

Alguns discípulos e admiradores do fallecido pintor José Ferreira Chaves organizaram uma exposição das suas obras, mais notavel em quantidade do que em qualidade.

Chaves foi um pintor honesto, que trabalhava com afino e boa vontade nas horas vagas da repartição, mas foi sempre medroso. O desenho é correcto, a côr é muitas vezes certa e eis tudo. Não ha uma fálha de talento creador.

Eis, rapidamente, passada a revista à primeira exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes.

Desejariamos que, conservando a facilidade e segurança da technica, os nossos artistas nas ultteriores exposições fossem mais pessoas e nos mostrassem um resurgimento da arte portugueza, manifestamente decadente por causas multiplas, cujo estudo alongaria demasiadamente este artigo.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.



## CARTA Á CERCA DO AMOR

(FRAGMENTO)

Ah, meu amigo, poupa-me á ferina  
Setta do teu sarcasmo despiedoso,  
A lição que me dá nada me ensina  
E o fel que verte me envenena o goso.

Scepticamente ris porque acredita  
Que amado sou por uma certa dama;  
Ris-te da febre nova em que palpito,  
De mim, que a amo, e d'ella, que me ama,

Illudimo-nos ambos, — eu e ella?  
Ou eu sómente? Ou ambos acertamos?  
Ouve. A mulher é sempre, feia ou bella,  
A Promissão, para onde caminhamos.

Dois olhos grandes, uma bocca breve,  
Um collo airoso, uns dentes nacarados,  
Só isso... E um homem casa, um outro escreve,  
Navega um outro mares enraizados;

Uns labutam na paz, outros na guerra,  
E todos, no palacio ou na choupana,  
Humilde preto rendem sobre a terra,  
A feminina força soberana.

Se alguns conhecem, muitos desconhecem  
O iman que os chama e arrasta, noite e dia,  
Travez a vida, e a que elles obedecem  
Como as aguas do mar á lua fria,

Por ella é que porfiam na renhida  
Batalha da existencia, disputando,

Instante a instante, esta illusoria vida,  
E do tempo os estragos disfarçando.

Por ella, este devassa a Natureza  
E aquelle uma alma insuffla á pedra dura,  
Outro arrosta das feras a fereza  
E um outro os astros conhecer procura.

E' só pela mulher que tantos braços,  
Cerebros tantos sem cessar trabalham;  
Que ha milhares de tectos nos espaços  
E tantas naves pelo mar se espalham.

Por ella José humana-se, rendido,  
Neptuno geme e se enfurece Marte.  
De Venus ao poder appetecido  
Homens e deuses vêm de toda parte.

Sylvanos, faunos, satyros, silenos,  
Cyclôpes, agipans, monstros medonhos,  
Caem das frondes, surgem d'entre os fenos,  
Desde que o amor lhes apparece em sonhos.

Não me enganaes, philosophos profundos,  
Negando o amor com ares importantes;  
Se o amor domina os infinitos mundos,  
Porque vos não dominará, pedantes?

Como se o fructo a flôr repudiasse,  
Negaes o Amor! Mas quem vos acredita  
Vendo o rubor que vos aquece a face,  
Se divisaes uma mulher bonita?

Amar é, pois, a lei; e a lei respeito.  
Amei, amo, hei de amar. Verbo sublime!  
De conjugal-o não se cança o peito...  
Não conjugal-o é que seria crime.

Valentim Magalhães.



## Conde de Mesquita

O sr. conselheiro Augusto Cesar Ferreira de Mesquita, recentemente agraciado pelo chefe do Estado com o titulo de conde, é um cavalheiro distinctissimo, antigo escriptor dramático, antigo deputado e vogal do conselho superior das alfandegas.

Pertencente ao partido regenerador, que acompanhou sempre com grande lealdade desde o tempo de Fontes Pereira de Melo, de quem era sobrinho e que muito o estimava o illustre titular cujo retrato vem hoje enriquecer a nossa galeria, é, pelo seu porte sempre correcto, pela sua intelligencia tantas vezes manifestada, e pelo seu character serio, bem digno da alta mercê que acaba de lhe ser conferida.

